

DO “FICA ROBINHO” AO “VAI NEYMAR” – NOTAS SOBRE OS ESTUDOS DE FUTEBOL E DE MIGRAÇÃO¹

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina

Dois campos de estudos que cresceram muito na antropologia no Brasil: são os estudos de futebol e dos estudos de migração. A pesquisa que realizo sobre a circulação transnacional dos jogadores brasileiros de futebol é uma intersecção desses dois campos que se expandiram nas últimas décadas, mas que tem uma longa e densa trajetória no Brasil. Neste artigo, interpelo criticamente duas tendências predominantes nos estudos antropológicos destes campos – no caso do futebol, uma tendência a utilização de metodologias outras que a etnografia e no caso dos estudos de migração a tendência a considerar como migrações deslocamentos muito diferentes e que necessitam outras categorias para serem melhor apreendidos. Esta interpelação é feita a partir das conclusões da pesquisa etnográfica multi-sitiada (MARCUS, 1995) que realizo desde 2003 com jogadores brasileiros que se deslocam para o exterior.

Keywords: Futebol, etnografia multi-sitiada, migrações, jornalismo esportivo, antropologia.

¹ Texto originalmente apresentado no seminário *Dialogando Sobre os Rumos da Antropologia Brasileira* (Recife, 12 a 14 de março de 2012). Agradeço a Parry Scott pela organização do encontro e agradeço ao Antônio Motta pelo convite para participar da mesa onde este texto foi apresentado. Agradeço ao CNPq, a CAPES e ao IBP pelos financiamentos da pesquisa.

Abstract:

Two fields of study in Anthropology which have grown a lot in Brazil are football studies and migration studies. The research I conduct on transnational circulation of Brazilian football players is an intersection of these two expanding fields but it has a long and dense trajectory in Brazil in its own right. In this article, I critically focus on two predominant trends in Anthropological studies concerning these fields - in the case of football; a tendency to use methodologies other than ethnography, and in the case of migration studies; the trend to consider many different displacements as migration, which would be better placed in another category. This approach is taken from the findings of the multi-sited ethnographic research I have been conducting since 2003 with Brazilian players moving abroad.

Resumé:

Deux domaines d'études en Anthropologie qui ont grandi beaucoup au Brésil sont des études de football et les études de migration. La recherche que j'ai conduit sur la circulation transnationale des joueurs de football brésiliens est une intersection de ces deux champs en expansion au cours des dernières décennies. Dans cet article, je me concentre essentiellement sur deux tendances dominantes dans les études anthropologiques concernant ces domaines - dans le cas du football, une tendance à utiliser des méthodes autres que l'ethnographie, et dans le cas d'études sur la migration, la tendance à considérer multiples déplacements différents sur la catégorie de migration.

Cette approche est adoptée à partir résultats de la recherche ethnographique multi-sites mené depuis 2003 avec les joueurs brésiliens en déplacement à l'étranger.

Endereço residencial: Rua Laurindo J. Da Silveira n. 4340 Florianopolis SC CEP 88062-201. Telefone: 48.3232-6469 ou 48.91510901. E.mail: rial@cfh.ufsc.br

Endereço institucional: UFSC Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima

Trindade - Florianópolis - Santa Catarina – Brasil CEP: 88040-900. Fone: 48.3721.9714 ou 37219405

Carmen Rial is a journalist and anthropologist. Professor of the Department of Anthropology at UFSC she teaches in the Graduate Program in Social Anthropology and in the Interdisciplinary Doctorate in the Humanities. She has participated in the creation of the journals *Ilha* and *Vibrant*. She has published in the field of Urban Anthropology on the following subjects: visual anthropology, anthropology of food, cultural globalization, media studies and anthropology of sports. She received the Pierre Verger prize for Contribution to the History of Anthropology from the Brazilian Anthropology Association (2002). She coordinates the Center for Audiovisual Studies and Anthropology of the Image (Navi) and the Urban Anthropology Group and is a member of the Institute of Gender Studies (IEG). She is currently president of the Brazilian Anthropology Association.

PRIMEIROS ESCRITOS SOBRE FUTEBOL

Desde os primeiros escritos, o futebol, dividiu opiniões no Brasil. Pode-se remontar ao final dos anos 1910 o interesse pelo futebol, com as crônicas de João do Rio² (2005), que já descrevem a cena futebolística brasileira ou as crônicas de Coelho Netto (1921) defendendo o futebol como capaz de aperfeiçoar (“regenerar” era a categoria usada) a “raça brasileira”, criando um homem forte e robusto. Sem falar no

² João do Rio é o pseudônimo de João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto, jornalista e teatrólogo,

poeta Olavo Bilac ou no escritor Machado de Assis, que elogiaram os jogos Olímpicos, embora sem discorrer especificamente sobre o futebol (CF. Ribeiro, 2012).

Noutro sentido, no de uma oposição clara ao futebol, temos o escritor Lima Barreto (1922), fundador nada mais nada menos de uma *Liga Brasileira Contra o Futebol*³, por considerá-lo uma importação barata, ordinária, para divertir burgueses ricos. Ideias que de poderiam estar na origem de uma visão do futebol nas ciências sociais brasileiras como o “ópio do povo”, aludindo-se a Marx e sua qualificação do papel social da religião, e que de algum modo o mantiveram como um objeto secundário.

Gilberto Freyre, porém, tratou em vários escritos do esporte, ressaltando características que considerava peculiares e únicas ao futebol brasileiro. O estilo de jogar brasileiro seria o de um futebol “mulato”, de ginga – diferente dos futebolis europeus, como na conhecida passagem em que diz:

“O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...). Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os

³ Barreto era contra o futebol pela discriminação racial e de classes sociais que verificava nas políticas restritivas dos clubes. E também pela violência entre os jogadores e pela rivalidade entre as equipes. Escreveu a propósito de um jogo entre m clube de Recife e um do Rio de Janeiro: “longe de tal jogo contribuir para o congraçamento, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separava-as” .

psicólogos e os sociólogos o mulatíssimo *flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.”

(Freyre, 1945, p. 421-2)

Essa oposição em Freyre entre um futebol-arte (o brasileiro) e um futebol-força (europeu) marcará posteriormente as reflexões mais sólidas, interessantes, na antropologia, estabelecendo toda uma escola que acionará o futebol metonimicamente para pensar o Brasil décadas mais tarde. Apesar de ser um fenômeno social altamente significativo no país, o futebol foi negligenciado pelas ciências sociais até recentemente - embora estivesse sendo estudado em outros lugares, como na Inglaterra, onde se destacam os trabalhos de Elias e Dunning (1985).

Nesta linha de pensamento se destacará Roberto da Matta (1982), por exemplo, que será anos mais tarde o grande expoente de uma antropologia do futebol que o pensa como metáfora da nação. Para Da Matta, o estilo malandro de jogar caracteriza nossa democracia futebolística, o futebol sendo um universo de regras, que contrasta com uma sociedade onde as regras existentes nem sempre são obedecidas.

O estilo de jogo como reflexo do caráter das pessoas de diferentes nações também foi explorado pelos nossos vizinhos argentinos, através de Eduardo Archetti (1999, 2001), que mostra como se interpreta o estilo nacional argentino como sendo o de um futebol-crioulo (Cf. Rial 2009a). Vale distinguir aqui *criollo* e *mulato*, pois embora ambas as palavras remetam a uma mistura racial, o mulato de Freyre é negro e branco, cruzamento humano. O mulato encontra paralelo no *malandro* de Da Matta referindo-se a um jeito de ser próprio aos brasileiros. Já Archetti busca no surgimento de uma nova raça de cavalos na América, a raça crioula, o termo para caracterizar o estilo argentino de jogar: forte, viril, resistente.

Ao final do século XX, os estudos na Antropologia no Brasil ampliam o olhar

sobre o futebol com outros enfoques como as trajetórias de trabalho e as classes sociais envolvidas (Benzaquem Araújo, 1980; Leite Lopes, 1989). Estas abordagens estão presentes também no livro *Universo do Futebol* (1982)⁴, que Simone Guedes co-organizou, mas como podemos ver já nos entretítulos de seus capítulos, permanece muito presente a escola Freydiana de pensar o futebol como metáfora da nação.

TRADUZIR OU INTERPRETAR? A FAVOR DA ETNOGRAFIA

Seja pela visão do futebol como chave para entender especificidades nacionais, seja como reflexo de contradições entre classes sociais, o fato é que o que caracterizou os estudos de futebol até recentemente foram trabalhos que tiveram como fonte dados secundários, geralmente reportagens publicadas na imprensa, entrevistas, crônicas, ou biografias. Raras eram as etnografias realizadas com os protagonistas centrais do futebol. O contato com os jogadores, com o mundo do futebol de dentro, tem sido no mais das vezes mediado pelos relatos dos jornalistas. Assim, é na mídia que os antropólogos têm fundado para as análises das carreiras, trajetórias, vivências e representações dos jogadores de futebol – e também do *staff* administrativo, dirigentes, técnicos, etc. Para o bem ou para o mal, para reforçá-los com argumentos suplementares e conceitos das teorias antropológicas ou destruir estes relatos jornalísticos com uma leitura crítica. O antropólogo nestes casos seria mais um *tradutor* que lida com textos do

⁴ Este livro se constitui em um dos pilares que sustentaram os recentes estudos recentes nesse campo. O outro impulso para estes estudos foi a Reunião Brasileira de Antropologia em Brasília, no ano 2000, onde se organizou o primeiro Grupo de Trabalho sobre futebol, *Imagem e Futebol*, organizado por mim e José Sergio de Leite Lopes, iniciando uma rede nacional de pesquisadores de futebol que a partir dali continuaram a reunir-se em congressos como a ANPOCS, RAM, e SBPC.

que um *intérprete* que negocia diretamente com interlocutores – intérprete e tradutor no sentido que lhes dá Pina Cabral (2013).

Esta exegese textual é uma metodologia que pode resultar interessante, mas também problemática. Como muito cedo percebi na pesquisa etnográfica que venho realizando com jogadores de futebol vivendo no exterior, boa parte dos jogadores mantém uma relação ambivalente com os jornalistas, pois reconhece nos jornalistas um poder de vida e morte sobre suas carreiras, sobre a pessoa do jogador. Ao mesmo tempo em que gostam de estarem sob holofotes, pois isto pode ser expressão de prestígio, sabem que uma manchete maldosa em um jornal pode significar graves problemas, injustiças, inconveniências. Jornalistas são sujeitos que podem erguê-los ou derrubá-los, e a queda costuma ser mais duradoura que o pedestal. Por isto, preferem mantê-los à distancia, o quê atualmente já não é totalmente possível por questões contratuais que os obrigam a entrevistas coletivas periódicas.

Suas relações são bastante enquadradas, formalizadas e as performances de uns e outros ocorrem em locais bem definidos hoje cada vez mais mercantilizados: a sala de imprensa, a saída de campo, as chamadas zonas mistas - com seus painéis publicitários - , as chegadas nos aeroportos e hotéis (Mello 2012; Rial 2009b)⁵.

Se evoco esta relação jornalista/jogador/antropólogo não é para censurar as interpretações antropológicas de textos jornalísticos. Longe disso: há textos prodigiosos, arrebatadores, que foram erigidos a partir de leituras de jornais, como o já consagrado de Archetti que analisa a mirada dos jornais ingleses sobre o futebol na Argentina, ou os de Da Matta no Brasil. Não é, tampouco, para registrar o porquê de ter elegido como metodologia de pesquisa a etnografia, tendo partido do discurso jornalístico. É principalmente para me situar na relação com o objeto, no caso os jogadores, clareando

⁵ Sobre o impacto do mercado no campo jornalístico contemporâneo ver, também, Bourdieu 1996.

e particularizando esta relação, diferenciando-a e distinguindo-a da dos jornalistas. Afinal, jornalistas e policiais compartilham com o antropólogo perguntas (Silva 2013), mas aqueles operam dentro de instituições - a mídia, o Estado - capazes de decretar o fim de suas carreiras. Pude acompanhar o trabalho dos jornalistas, pois repartíamos o mesmo espaço durante os treinos e na espera dos jogadores, e em geral, muito teria a criticar do modo como constroem a relação com os jogadores, objetivando-os. Mas é suficiente assinalar dois pontos: a de que em geral o discurso jornalístico é uma fonte pouco segura, e de que um antropólogo em campo deve buscar distanciar-se dos jornalistas⁶.

Para evitá-los, alguns jogadores chegaram a construir códigos que me identificassem. Um deles (atuando no Bétis de Sevilha, em 2012 no Colorado Rapid, e em 2013 sem clube mas um dos líderes do movimento *Bom Senso*) me dizia: “Você me telefona, deixa o telefone tocar três vezes e desliga, e torna a me ligar cinco minutos depois. Assim sei que é você e não um jornalista”. Por isto, jamais conversei com os jogadores nos espaços previstos para os contatos com os jornalistas, e onde suas respostas são muitas vezes estereotipadas e previsíveis, preferindo as arquibancadas dos estádios, suas casas, os lobbys, as cafeterias.

Comecei estudando em 2003 a migração de jogadores brasileiros para o exterior em um momento em que a imprensa brasileira denunciava a saída dos jogadores como sendo um “êxodo” inédito, algo como uma fuga de pés muito mais grave do que a de cérebros, que colocava em risco o futuro do futebol brasileiro. Os jogadores que se deslocavam eram tidos como “mercenários”, já que o motivo para o qual saíam do Brasil era visto como sendo exclusivamente monetário. “Mercenários” e “consumistas”, já que eram descritos como tendo um estilo de vida centrado no consumo de bens de

⁶ Explorei estas relações antropologia com o jornalismo em Rial 1998.

luxo - hoje, estamos em um momento em que o discurso jornalístico foi para o outro extremo, e não sair do país, como vimos no caso-Neymar, é que coloca em risco uma vitória na Copa do Mundo. A imprensa na época, portanto, os acusava como sendo “mercenários”, “consumistas” e “estrangeiros”, pois já não teriam um sentimento de brasilidade.

E foram estas categorias que se constituíram as indagações iniciais da pesquisa: seriam de fato mercenários, consumistas e estrangeiros? A saída de Robinho é neste sentido paradigmática: é precedida de uma campanha nacional sob o slogan de “Fica Robinho”. E, quando se concretiza a troca de país, o slogan passa a ser o “Vaza Robinho”, desqualificando a imagem do jogador.

A pesquisa, portanto, iniciou quando o discurso jornalístico hegemônico era anti-emigração e clamava por um “Fica Robinho”, e continuou até assistir os jornalistas e torcedores pedirem um “Vai Neymar”. O exterior/Europa passou neste período a ser visto como lugar de aprendizado futebolístico, especialmente tático, pois a ginga, o Brasil teria de sobra – ideia que Freyre conseguiu inculcar no senso-comum que ainda permanece entre jornalistas e torcedores. Uma boa exegese dos textos jornalísticos sobre o tema (que ainda resta a fazer) colocaria em evidência esta mudança, que não é assumida pelos próprios jornalistas, muito rápidos em esquecer o passado. Porém, não seria necessário esperar oito anos, tempo que separa as duas saídas dos jogadores do Santos, para se perceber o quanto estavam errados os que acusavam os jogadores de mercenários, consumistas e estrangeiros.

O ponto que quero enfatizar é a favor da etnografia. Dificilmente teria obtido os resultados que tive na pesquisa (Rial, 1998) se tivesse me limitado a analisar textos jornalísticos sem buscar o diálogo direto com os principais protagonistas do futebol (jogadores, dirigentes, empresários), como preconiza o método mais clássico da

antropologia. Não creio invalidar com isto as análises textuais realizadas sobre futebol, e até mesmo a possibilidade de se realizar etnografias virtuais ou etnografias de tela – análises de filmes, programas de TV, etc. Porém

Desde o início, abordei a saída dos jogadores de futebol através do contato direto com os implicados. Havia, como disse, uma certa novidade neste procedimento, pois se tínhamos muitas biografias (e “autobiografias”) de jogadores famosos, escritos por jornalistas, e diversas etnografias com torcedores, realizadas por antropólogos, as etnografias com jogadores escasseavam⁷. As celebridades permaneciam impermeáveis aos antropólogos, como que protegidos por uma barreira epistemológica invisível, constituída menos pela especificidade do seu trabalho e, penso, mais pela aura de suas famas e pelo peso dos seus bolsos. Difícil para uma ciência que se constituiu olhando “para baixo” olhar subitamente “para cima”. Então, a primeira ruptura do trabalho foi exatamente esta opção por uma antropologia que “*looks-up*”, que tivesse como interlocutores jogadores com ganhos mensais entre 500 mil a 3 milhões de dólares. O que uma antropóloga no Brasil levaria trinta anos para ganhar, eles recebiam em um mês.

Comecei na Andaluzia, dois meses em Cádiz em 2003 e um em Sevilha 2004, com os jogadores brasileiros do Real Bétis F.C. e do Sevilha F.C., que são dois clubes nacionais considerados portas-de-entrada para clubes-globais⁸, e continuei depois na Holanda, onde fiquei um mês viajando entre cidades, e especialmente acompanhando os jogadores brasileiros em Eindhoven, onde fiz visitas sucessivas com intervalos de um

⁷ Destaco entre elas o excelente trabalho de Arlei Damo (2007), com jogadores que estavam iniciando no futebol e onde já consta uma pesquisa no exterior, no sul da França.

⁸ Chamo clubes globais os que concentram mão de obra estrangeira, concentram capital proveniente de patrocinadores multinacionais (ou possuem proprietários estrangeiros) e contam com torcedores espalhados pelo planeta (Rial 1998).

ou dois anos ao PSV, outro clube nacional usado pelos jogadores brasileiros (Romário, Vampeta, Ronaldo, Alex, Gomes etc) como uma excelente porta-de-entrada para clubes-globais. Depois, vieram contatos em clubes situados em mais de 10 países. Com o tempo, a pesquisa “migrou” também de interlocutores: deixou de ser com jogadores celebridades, e se ampliou para jogadores menos conhecidos no Brasil, que atuam não em clubes-globais no exterior atuando em clubes periféricos no sistema futebolístico mundial, e que têm vidas ordinárias próximas a de outros emigrantes laborais brasileiros.

Esta etnografia multi-situada (Marcus, 1995) se caracteriza não pela diversidade de fontes de pesquisa, mas pela diversidade de lugares; seria móvel, no sentido mesmo do movimento geográfico. Iniciou sob suspeita. Desconfiava da ideia de transitar entre um lugar e outro, mesmo sabendo estar tratando de um objeto que por suas características era móvel – estava presente em diferentes cidades em um país e em diferentes países. Mas percebi que não estudar esta mobilidade também circulando seria reificar a ideia de campo de pesquisa e perder de vista características que são centrais ao objeto.

A etnografia multi-situada é possível e heurísticamente rica se responde a duas condições: a primeira, uma imersão inicial prolongada no campo, aos moldes de uma etnografia tradicional; a segunda, que o local estudado guarde ofereça uma certa homogeneidade espacial e das práticas ali realizadas. Foi a lição retirada do estudo sobre os restaurantes das cadeias de *fast-food* globais na França e em diversos outros países, numa época em que estudos assim ainda eram raros. Trabalhei como funcionária de um dos *fast-foods* por 3 meses, numa observação participante clássica, para depois circular conversando com funcionários, consumidores e gerentes de lojas situadas na Europa Ocidental, Norte da África e América do Sul.

Estádios e centros de treinamento (assim como restaurantes *fast-foods*, ou bibliotecas, universitárias, se quisermos pensar em um lugar familiar), guardam uma grande homogeneidade espacial. Todos tem vestiários, campos de jogos, salas de imprensa, estacionamentos, cafeterias...e o trânsito e as atividades ali realizadas são também bastante padronizadas. Não são lugares totalmente homogêneos, e mesmo a categoria de não-lugar (Augé 1992) deve ser empregada com cautela, pois há toda uma localização que realiza mesmo em espaços globalizados, sendo mais preciso se pensar em termos de uma glocalização⁹ (Robertson, 1995). No entanto, uma vez mapeado e conhecido um destes lugares glocais, o reconhecimento de outros se torna bem mais rápido, o que permite a pesquisa em um tempo menor, sem que se perda com isto a densidade do contato.

Emigrações? Circulação

A que conclusões cheguei que poderiam ser retomadas em outras pesquisas sobre os deslocamentos atuais, e não apenas os relacionados com o futebol? A primeira seria quanto à suposta novidade da mobilidade contemporânea. Os estudos sobre migrações de modo geral tendem a exibir um cenário de uma mobilidade humana sem precedentes históricos. E no Brasil se têm insistido e enfatizado o fato de hoje termos mais de 3 milhões¹⁰ de brasileiros vivendo no exterior. No entanto, ainda que tenham se encorpado dada as necessidades laborais da economia global, e tenham atualmente

⁹“Glocalization” é “formed by telescoping global and local to make a blend” (The Oxford Dictionary of New Words, 1991:134 citado por Robertson, 1995:28).

¹⁰ Segundo cálculos do Ministério de Relações Exteriores, que não são precisos, pois muitos destes emigrantes o fazem na ilegalidade.

um número significativo de deslocados, com uma estimativa de cerca de 200 milhões de pessoas vivendo fora de seus países de origem esses fluxos migratórios existem há séculos. Deveríamos lembrar, como faz Cooper (2005:94-5 apud Trajano, 2005) que a grande transumância de trabalho humano ocorreu há 150 anos, com a conquista colonial e importação massiva de africanos escravizados para trabalhar no Novo Mundo. Portanto, este não é um movimento original. E também não o é no caso dos jogadores de futebol.

Por outro lado, muitos estudos de migrações têm enfatizado também como novidade os deslocamentos de mulheres. E de fato, a partir do final dos anos 1990, as mulheres passam a ser mais de 45% do total das migrações no mundo e na Europa, a partir dos anos 2000, elas passam a ser maioria. Ingressam no Velho Continente para responder por serviços como os de enfermeiras, empregadas domésticas, etc. num tipo de emigração de trabalho para um setor que é chamado na literatura de “*care*” (“cuidado”) e abrange uma gama de serviços que encontra dificuldades em ser suprida localmente. Para além da constatação evidente de um aumento do número de mulheres que se deslocam, deve ser ressaltado o ineditismo de um olhar para a mobilidade das mulheres, antes invisibilizadas nos estudos de migração. Era como se a própria mobilidade fosse uma ação adjetivada como masculina, implicando em uma *aventura* própria dos homens. Ora, a mulher sempre esteve presente e foi fundamental nos deslocamentos. A migração é, na maior parte dos casos um projeto familiar, e os homens não se deslocam sem o consentimento de uma mulher, esposa ou mãe.

A segunda ênfase injustificável é a que diz respeito à motivação para deslocar-se. As migrações que têm por objetivo principal um trabalho no país de destino, as chamadas “migrações econômicas” são sobre-enfatizadas, tendo se tornado o objeto central nos estudos e obscurecendo outras possíveis motivações que a laboral. No

entanto, os maiores contingentes de deslocados hoje o são motivados por um conflito, seja político ou ambiental.

O primado do deslocamento motivado pela economia sobre as outras razões de se deslocar é uma premissa a ser revista, assim como foi a ênfase na precariedade como sendo a condição motivadora dos deslocamentos. A pobreza aparece como o estatuto econômico dos protagonistas dessa circulação internacional, embora mais recentemente, os estudos tenham mostrado que não são os miseráveis que se deslocam e que migram pois para empreender a aventura da migração é necessário um mínimo de recursos.

Se os migrantes subalternos foram bastante estudados nos seus movimentos de deslocamento, permanecem raros, os estudos de migração que abordam deslocamentos de classes economicamente privilegiadas, como se os ricos só se deslocassem para fazer turismo. Ora, existe toda uma gama de indivíduos que deixam o Brasil e que não podem ser categorizados como “pobres” ou “turistas”. Incluo nela os jogadores celebridades que estudei, assim como diplomatas, professores universitários, estudantes de programas de intercâmbio, médicos, empresários e exilados políticos (Rial e Grossi, 2012).

Uma terceira consideração a ser mais focada nos estudos de migração, também na relação economia e migração, diz respeito à economia que a mobilidade gera no local de origem. Uma economia que pode implicar em impacto no mercado imobiliário das cidades de origem, o que tem sido apontado por estudos, mas também em outros setores menos visíveis, como por exemplo, em novas rotas áreas.

E – quarto ponto – seria importante repensar algumas categorias da migração. Falar de todos os deslocamentos enquanto “emigração” e desses sujeitos como o “emigrante” ou a “imigrante” parece bastante problemático, porque são categorias que deixam de fora um número imenso de deslocamentos que ocorre e que estão acionando

outro tipo de vivência. E não se resolve isto acionando dicotomias como “legal” ou “ilegal”, “regular” ou “irregular”, “documentados” e “indocumentados”. Existem deslocamentos de pessoas hoje, e eles são numerosos, que não correspondem à figura que temos do emigrante do século XVIII e XIX, de alguém que parte e não retorna, e mesmo que viva toda sua existência com o projeto nostálgico de voltar um dia, vê seus navios serem queimados pelas circunstâncias. A literatura criou uma categoria mais apropriada, que é o “transmigrante”, e que resolve alguns problemas atualizando o estilo de deslocamento que a categoria emigrante torna anacrônico. Sem dúvida, “transmigrantes”, “imigrantes que desenvolvem e mantêm relações múltiplas – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas – que cruzam fronteiras¹¹” (Basch; Glick-Schiller; Szanton Blanc 1994:7) na definição seriam esses emigrantes que se deslocam, mas que mantêm fortes laços com o país de origem. Pode-se pensar em termos de transnacionalismo. Embora mais preciso, transmigrante não resolve de todo, porque existem pessoas que se deslocam, e são muitas, que não podem ser pensados em termos de emigrantes/transmigrantes porque não se auto-identificam como emigrantes, não são vistos como emigrantes no país de origem ou no de destino. Na verdade, nunca saem do Brasil.

Os deslocamentos são melhor definidos como uma circulação entre países. Circulam. Circulação é uma categoria analítica que já foi usada na antropologia em outros estudos (aqui no Brasil por Claudia Fonseca (2001), quando pensa na adoção de crianças em famílias de baixa-renda) e que na verdade é uma categoria que por uma feliz coincidência aparece como tradução de uma palavra muito usada pelos jogadores para explicar seus movimentos: “rodar”. Feliz, pois é um caso em que teorias antropológicas e “nativas” se encontram. Um jogador “rodado,” tem um capital

¹¹ Minha tradução.

futebolístico que ele agrega com esta circulação Ao contrário de uma mulher “rodada”, que perde sua credibilidade, eles ganham em prestígio.

De certo modo, esta foi uma pesquisa que iniciou com a mídia difundindo um “Fica Robinho” que em seguida passou a um antagônico “Vaza Robinho”, um extremo, e hoje constata um outro sentido, adverso deste no discurso dos especialistas jornalistas que aconselharam Neymar a partir para se tornar, lá fora, um jogador “mais tático”.

REFERÊNCIAS CITADAS

ARCHETTI, Eduardo. Masculinities. Football, Polo and Tango in Argentina. Oxford, New York: Berg, 1999.

ARCHETTI, Eduardo. El Potrero, la Pista e el Ring. Las patrias del deporte argentino. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BARRETO, Lima. *Careta* 8.4.1922. Acessível em <http://textos.yurivieira.com/terceiros/lima-barreto-contr-o-futebol/>. Acessado em 06.01.2014.

BENZAQUEM ARAÚJO, Ricardo. , Os gênios da pelota. Um estudo do futebol como profissão. 1980. Dissertação (Mestrado em) – Museu Nacional, Rio de Janeiro. (Mimeo).

BOURDIEU, Pierre. Sur la television, suivi de l'emprise du journalisme. Paris: Liber, 1996.

CAPRARO, André M. Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 2007. Tese (Doutorado em História), Departamento de

História, Universidade Federal do Paraná, Paraná.

COELHO NETTO, Henrique M. Breviário Cívico, publicação da Liga de defesa nacional. Rio de Janeiro: O norte, 1921.

_____. O meu dia: hebdômadass d'A Noite, de dezembro de 1918 a dezembro de 1920) Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmãos, 1922.

_____. Mano. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Editorial, 1924.

_____. Obra seleta v. 1. Rio de Janeiro: José Aguiar LTDA, 1958.

COELHO NETTO, Paulo. Coelho Netto. Rio de Janeiro: Zelio Valverde editor, 1942.

_____. Coelho Netto e os esportes. Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1964.

_____. História do Fluminense 1902 – 2002 {atualizado por Rodrigo Nascimento}. Rio de Janeiro: Pluri, 2002.

COOPER, Frederick. Colonialism in Question: Theory, Knowledge, History. Berkeley: University of California Press, 2005.

DAMO, Arlei S. Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. , Anpocs, 2007.

DA MATTA, Roberto. “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. In: ____; GUEDES, S. (Org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

ELIAS, N. & DUNNING, E.. A Busca da Excitação. Lisboa : DIFEL, 1985.

FREYRE, Gilberto. Sociologias. Rio de Janeiro: José Olympus, 1945.

FREYRE, Gilberto. "Prefácio". In: RODRIGUES FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FERNANDEZ, Renato Lanna. "Coelho Netto: um intelectual a serviço do esporte". Mosaico, v. 3, n.5, . Acessível em <http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=printpdf/artigo/coelho-netto-um-intelectual-serviço-do-esporte>. Acessado em 06.01.2014.

FONSECA, Claudia. "La Circulation des Enfants Pauvres au Bresil: Une pratique locale dans un monde globalisé. Anthropologie et Sociétés 24(3), 2001, pp.24-43

GUEDES, Simoni De. "Criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil". In: XXVI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2002, . Acessível em http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/043411_Guedes%20-%20Notas%20sobre%20futebol%20e%20identidade%20nacional%20na%20Argentina%20e%20no%20Brasil.pdf Acessado em 06.01.2014.

LEITE LOPES, José Sérgio (com MARESCA, Sylvain). "La disparition de la joie du peuple". Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 79, p. 21-36. 1989.

MARCUS, George "Multi-Sited Ethnography". Annual Review of Anthropology v.24, n. 95, 1995.

PEREIRA, Leonardo A. de M. Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. RJ: Nova Fronteira, 2000.

RIAL, Carmen. "Contatos Fotográficos". In: KOURY, MAURO (Org.). . Imagens e

Ciências Sociais. João Pessoa: Editora da UFPB, 1998. p. 203-223.

_____. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”.

Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v.14, n. 30, Dec.2008.

Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200002&lng=en&nrm=iso>. access

on 25 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>. Acessado em 06.01.2014.

____a “Porque todos os 'rebeldes' falam português? A circulação de jogadores

brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. In: CARMO, Renato; MELO, D.;

BLANES, R. (Orgs.). A globalização no divã. Lisboa: Tinta-da- China. 2009.

____b “Fronteiras e Zonas na circulação global de jogadores brasileiros de futebol”. *Em*

Primeira Mão n.109. UFSC. 2009. Disponível em

<http://www.cfh.ufsc.br/%7Eantropos/109.pdf> . Acessado em 06.01.2014.

____ “Questões Atuais do Futebol no Mercosul”. In: X REUNIÃO DOS

ANTROPÓLOGOS DO MERCOSUL (RAM). Córdoba: RAM, 2013.

RIO, João do. A hora do football. João do Rio – Uma Antologia (seleção e apresentação

de Luís Martins) 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2005.

ROBERTSON, Roland. “Glocalization: Time-space and Homogeneity- heterogeneity”.

In:M. FEATHRESTONE et al (Ed.). Global Modernities. London: Sage, 1995. p. 25-

44.

SILVA, Hélio R.S. Etnografia. In: X REUNIÃO DOS ANTROPÓLOGOS DO

MERCOSUL (RAM). Córdoba: RAM, 2013.

TRAJANO, Wilson. "A Sociabilidade da Diáspora: o Retorno". Série Antropologia n. 380. Brasília, UNB, 2005.